

**REMATE
DE MALES**

37.1

**Revista de Teoria e História
Literária**



UNICAMP

Campinas - SP
jan./jun. 2017

Remate de Males: Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, n. 1 (1980.)

Publicação Semestral a partir de 2005

ISSN 103-183X (impresso)

-

ISSN 2316-5758 (online)

1. Literatura – Periódicos. I. Departamento de Teoria Literária - Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem.

CDD 805

PUBLIEL – Publicações IEL

Revista *Remate de Males*, Publicações, Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571, Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, 13083-859 – Campinas-SP, Brasil.

Fone/Fax: (0xx19) 3521-1528

E-mail: remate@iel.unicamp.br – <http://iel.unicamp.br>

Indexada em / Indexed in:

Russian Academy of Sciences Bibliographies, Linguistics and Language Behavior Abstracts (Online), Latindex, MLA/International Bibliography (USA),
Ultich’s International Periodicals

Conselho Editorial

Abel Barros Baptista, (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) - Antonio Dimas (Universidade de São Paulo, Brasil) - Bertold Zilly (Freien Universität Berlin, Alemanha, Alemanha) - Carlos Augusto Calil, Universidade de São Paulo, Brasil) - Edson Rosa da Silva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil) - Eduardo Subirats, Universidade de Nova Iorque, Estados Unidos da América do Norte) - Ettore Finazzi-Agrò (Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, Itália) - Joaquim Brasil Fontes (Universidade Estadual de Campinas, Brasil) - Julio Castañon Guimarães (Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil) - Liliana Weinberg (Universidad Nacional Autónoma de México, México) - Luiz Costa Lima (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil) - Luiz Dagobert de Aguirra Roncari (Universidade de São Paulo, Brasil) - Michel Riaudel, (Université de Poitiers, França) - Mônica Marinone (Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina) - Paulo Moreira (Yale University, Estados Unidos da América do Norte) - Raul Antelo (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) - Roberto Schwarz (Universidade Estadual de Campinas, Brasil) - Sergio Miceli (Universidade de São Paulo, Brasil) - Silvia Cárcamo (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

PEDE-SE PERMUTA / Exchange requested / Se solicita canje /
Wir bitten um Austausch / On demande l’échange / Si chiede lo scambio

Comissão Editorial

Miriam Gárate

Marcos Siscar

Assistente Editorial

Heloisa Imada

REMATE DE MALES

Dossiê O livro como organismo poético

Organizadores do Dossiê

Eduardo Veras

Sérgio Alcides

REMATE DE MALES

Revista de Teoria e História Literária
Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP

Remate de Males é uma publicação semestral do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Aceita artigos preferencialmente em português, mas também em espanhol, inglês e francês. Os trabalhos, acompanhados de resumos, serão submetidos ao Conselho Editorial. As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores.

O título da revista reproduz os tipos usados no anterosto
da edição original da obra deste nome de Mário de Andrade (S.P., 1930)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: Marcelo Knobel

Vice-Reitora: Teresa Atvars

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Flávio Ribeiro de Oliveira

Diretor-Associado: Jefferson Cano

PUBLICAÇÕES-IEL

Coordenador: Paulo Sérgio de Vasconcellos

Equipe Editorial: Esmeraldo A. Santos, Nivaldo Alves

Bolsista: Bárbara Sodré

REVISÃO

Margarida Pontes

Sumário

- 5 Apresentação.
Eduardo Veras, Sérgio Alcides

O LIVRO COMO ORGANISMO POÉTICO-MUSICAL

- 9 Câmara ardente: um livro?
Francine Fernandes Weiss Ricieri
- 37 A organicidade musical de Divina Quimera (1916), de Eduardo
Guimaraens
Ellen Guilhen, Andréia Anhezini
- 59 Arcádia melodiosa no Brasil
Pedro Marques
- 83 Sur l'Épigraphe pour un livre condamné
Andrea Schellino

ENTRE O FRAGMENTO E O LIVRO, A PROSA E A POESIA

- 93 A poesia incógnita: elementos para um estudo da poética do
Spleen de Paris
Eduardo Horta Nassif Veras

- 117 Me segura
Franklin Alves DassiEntrevista
- 137 O ‘trabalho dobrado do livro: sobre o jornal Dobrabil, de Glauco
Mattoso
Gustavo Scudeller
- 159 O dever de um Livro-raiz: o diário como apoio à escrita de Maria
Gabriela Llansol
Tatiane da Costa Souza

O LIVRO COMO METÁFORA METAPOÉTICA

- 175 Livro utópico e imaginação moral
Eduardo Ferraz Felipe
- 201 Poéticas do infinito em Os lados do círculo, de Amilcar Bettega
Amanda Priscila Santos Prado

O ORGANISMO E SUAS FRATURAS

- 217 A unidade febril de Invenção de Orfeu, de Jorge de Lima
Suene Honorato
- 241 O lugar do livro é para sempre um lugar perdido: Edmond Jabès e
o pensamento da obra
Carolina Anglada
- 261 “Vender alguma coisa, dar certo na vida.” A passagem do poema ao
objeto na obra de Marcel Broodthaers.
Eduardo Jorge de Oliveira

ARTIGOS

- 285 Cores efêmeras, palavras persistentes: arcos triunfais no México de
1680
Alfredo Cordiviola

- 307 Armas e letras: nota sobre os usos do panegírico na sociedade de corte
Valeria Pereira Silva de Novais, Cássio Borges
- 323 A Filosofia da História de Oswald de Andrade
Ulisses do Valle
- 345 De infinito a infinito: Carrera, Aira, Rosa
Bairon Oswaldo Vélez Escallón
- 369 Revista Papeles de Son Armadans: uma ponte entre os escritores da península e do exílio
Solange Munhoz
- 385 “Pathé-Baby”: os deslizamentos da prosa turística de Alcântara Machado
Danielle Crepaldi Carvalho
- 409 Os Caminhos de Hamlet no Cinema
Ricardo Amarante Turatti
- 429 O luto e a História em De mim já nem se lembra, de Luiz Ruffato
Marcos Vinícius Lima de Almeida
- 449 A volta de siracusa: a negação platônica
Henning Teschke

RESENHAS

- 471 Mutações da literatura no século XXI, de Leyla Perrone-Moisés
Fernanda Andrade do Nascimento Alves
- 477 Os brilhos todos. Ensaio, crônica, artigo, entrevista, apresentação, nota, crítica, resenha, poesia etc., de Alexandre Eulálio
Mario Luiz Frungillo

DOCUMENTOS

- 481 Uma carta inédita de Baudelaire a Auguste Lacaussade
Andrea Schellino

- 487 Uma carta inédita de Baudelaire a Charles Asselineau [?], 9 de maio de 1853
Andrea Schellino
- 493 Resumos e abstracts
- 511 Informações biobibliográficas

APRESENTAÇÃO

Já se tornou um lugar-comum a ideia de que uma profunda reviravolta cognitiva está em curso, com o surgimento de novas tecnologias comunicacionais – *on-line*, quer dizer: em rede. O momento seria comparável à difusão da escrita, ocorrida há pouco mais de dois milênios, ou à vertiginosa disseminação da imprensa, há quase seiscentos anos.

Talvez essa revolução ainda não tenha trazido o seu Eric A. Havelock, o seu Marshall McLuhan ou o seu Friedrich Kittler, por ser ainda difícil a tomada de distância que possibilita a apreensão de um quadro mais amplo do que está se passando. Mas, se uma coisa aprendemos com os clássicos que analisaram clivagens históricas análogas do passado, é que os meios de comunicação podem ser tudo menos “neutros”.

Neste momento, discute-se muito o futuro do livro. Às vezes, de um ponto de vista nitidamente conservador, numa espécie de nostalgia por antecipação. Às vezes com o gestual festivo de um deslumbramento, com o messianismo característico dos profetas apressados. Enquanto isso, pode ser oportuno rediscutir também o passado do livro, assim como o seu presente.

Já começa a ser desafiadora a constatação de que a existência do livro como conceito precede todas essas viradas, reiventando-se a cada passo. Justamente quando tudo aparenta presentificar-se, com a atualidade de um clique, vai se tornando mais difícil entrar numa consideração em termos milenares. Mas, se aceitamos o desafio, no contexto desse arco temporal as obras de um Dante ou de um Racine são acontecimentos de um passado bem recente. A própria “literatura”, na acepção difundida só a partir de finais do século XVIII, é coisa quase tão nova quanto o telefone celular.

“Se houver defeitos – e há – nestes meus livros, / desculpe aí, leitor: foram os tempos” (OVÍDIO, 2008, p. 272). Assim se dirigia Ovídio ao público romano, dois mil anos atrás, na primeira elegia do quarto livro de *Tristia* [*Tristezas*], sua obra escrita no exílio, às margens do Mar Negro. Como no ciclo de poesia lírica e até mesmo no canto épico, anteriores à própria escrita, nota-se nesse apelo uma intensa consideração acerca do conjunto, da reunião de obras ou da disposição de um material mais vasto dentro de um todo.

Pensar o livro como um organismo *poiético* significa entendê-lo mais como um princípio composicional que norteia o fazer literário e incide diretamente sobre a significação da obra do que como um mero suporte estéril, destinado apenas a abrigar o núcleo de sentido, composto pelos diversos textos (poemas, contos, ensaios...) contidos no corpo inerte e descartável do conjunto. Formado por órgãos, estruturas e processos identificáveis em sua individualidade, mas interdependentes em relação ao sistema, o organismo constitui uma metáfora perfeita para se pensar a relação sempre problemática que as partes estabelecem com o todo em uma obra literária.

Nesse âmbito, encontram-se tópicos importantes para as discussões teóricas contemporâneas como a questão do fragmento e de sua autonomia em relação à obra, a questão do livro e de sua crise enquanto reproduzidor de um sentido claro e integral, bem como a própria problemática da unidade – e da identidade – do discurso literário. Até que ponto a organização de um livro constitui ela mesma um trabalho *literário* ou especificamente *poético*, tanto quanto a redação de um conto ou a composição de um poema? Tomemos como exemplo a *Antologia poética*, de Drummond, organizada pelo autor e publicada em 1962. O leitor não encontrou ali nenhum poema novo. No entanto, os poemas já conhecidos foram embaralhados de um modo original, fugindo à mera cronologia. O resultado (como já foi observado) é a impressão de que uma obra a mais se acrescentava à poética drummondiana. Paradoxalmente, era um livro inédito, ainda que integrado apenas por poemas já editados antes.

Mas, se existe uma ficção própria da organização do livro, ela não deixa de interferir também na recepção da obra literária. Uma canção de Petrarca, por exemplo: será ela a mesma coisa quando lida isoladamente ou quando lida no contexto do *Canzoniere*? Se, nesse livro, o arranjo de canções entremeadas de sonetos obedece até a um fio narrativo...

Não por acaso, os artigos que compõem este dossiê se enquadram em um recorte temporal que compreende desde os primórdios da modernidade até a era contemporânea. Eles compõem uma sequência evolutiva complexa. Partem de uma visão musical do organismo poético (caso da poesia árcade e de parte da produção simbolista), isto é, marcada por um desejo de harmonia e integralidade. Passam pelo reconhecimento das primeiras manifestações de dissonância e hesitação daquele paradigma (especialmente em Baudelaire e nos simbolistas mais próximos da mentalidade decadente). Chegam à vivência moderna da tensão entre o fragmento e o livro (mais uma vez em Baudelaire e em poetas do século XX, que repercutiram de algum modo a ambivalência baudelaireana entre a poesia e a prosa, o livro e o fragmento do jornal/*journal*). E deságuam, primeiro, na transformação do livro em metáfora metapoética da unidade perdida e, finalmente, na própria vivência literária da crise do organismo poético, que, radicalizada, coincide com a explosão do universo verbal e com uma saída da poesia em direção à materialidade da imagem e da obra plástica.

Esperamos que este dossiê possa contribuir – no todo e nas partes – para o debate sobre essas questões, que ele próprio, em sua organicidade dinâmica, é capaz de materializar, enquanto obra que se pretende mais que uma mera coletânea de artigos.

Eduardo Veras (UFTM)
Sérgio Alcides (UFMG)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OVÍDIO. *Tristezza*. Ed. bilíngue. Introdução, tradução e notas de Francesca Lechi. Milão: BUR, 2008.